

MAXIMILIANO D'AZEVEDO

POR FORÇA!

COMÉDIA EM UM ATO

Reedição de
André Duarte | Francisco Sequeira
Joana Santos | Rita Moreira

Coordenação de Ângela Correia

**BIBLIOTRÓNICA
PORTUGUESA**

Lisboa

2015

ÍNDICE

Nota editorial

Personagens

Scena I

Scena II

Scena III

Nota editorial

Maximiliano Eugénio de Azevedo (1850 – 1911), mais conhecido por Maximiliano d'Azevedo, foi oficial do exército português, e autor de diversas obras de carácter histórico, bem como de peças teatrais, dedicando-se, igualmente, ao jornalismo e à crítica teatral.¹

Decidimos reeditar esta obra pelo interesse para a história do teatro que nela reconhecemos, e por não ser fácil aceder à edição em papel.

A presente reedição foi feita a partir da segunda edição de *Por Força!*, publicada, em 1900, pela editora livraria Tavares Cardoso & Irmão. Na

¹ Eduíno de Jesus, *Enciclopédia Verbo Luso-Brasileira de Cultura*, edição século XXI, 3, Lisboa, São Paulo, 1998, p. 1250

capa, lê-se a informação de que a peça foi representada pela primeira vez em Lisboa, no teatro Gymnasio Dramatico, “na noite do beneficio do actor João Rosa Junior, a 3 de fevereiro de 1873.” Além de todas estas indicações encontra-se ainda, na capa, a identificação do género: “comedia original em um acto”.

Com um total de 31 páginas, a disposição do texto segue o que é habitual, na edição de peças de teatro, para distinguir indicação de cenas, de personagens, didascálias e falas.

O exemplar de que nos servimos pertencente atualmente ao arquivo da Biblioteca da Faculdade de Letras, mas proveio da biblioteca pessoal de Osório Mateus. O carimbo que se encontra na

folha de rosto dá conta da atual e da antiga propriedade deste exemplar, já em mau estado.

Na contracapa do livro foi impressa uma lista de obras publicadas pela editora, na maioria peças de teatro em um ou mais atos, e em alguns casos “Theatro Infantil”.

Normas de transcrição

Na transcrição do livro-fonte, afastámo-nos de nós seguintes aspetos: não mudámos de página no mesmo lugar em que o livro-fonte muda; não reproduzimos a numeração das páginas; nem o espaço entre alguns sinais de pontuação (ponto de interrogação, ponto final e reticências). Mantivemos, no entanto, o itálico.

PERSONAGENS

RODRIGO, 24 annos Sr. A. Rosa

CLOTILDE , 22 annos..... Sr.^a Margarida

LISBOA – ACTUALIDADE

POR FORÇA!

ACTO UNICO

Gabinete oitavado e de pouco fundo, mobilado com elegancia.—Porta ao fundo e outra á esquerda.—Á direita sofá com poltrona ao lado.—Á direita, no angulo, janella de sacada. — No angulo da esquerda fogão com espelho.— Sobre a pedra do fogão uma caixa com reвольver.—Á esquerda baixa: mezinha de pé de

gallo.—Dois castiças com vellas sobre o fogão.—É quasi uma hora de noute.

SCENA I

RODRIGO (*entra pelo fundo, embuçado n'uma capa á hespanhola, fallando para fóra*)

Sim, fique descançada, não a comprometto. (*Fecha a porta e examina o gabinete.*) Eis-me finalmente no antro da fera! E não me custou pouco a chegar até aqui... diga-o a minha bolsa quasi vasia. Estes terriveis cerberos de saias e d'uma só cabeça, chamados creadas de quarto, não se vencem d'outro modo. Viesse hoje Hercules ao mundo e veria se, apesar de toda a sua força taurina, lograva, a não ser assim, cantar victoria d'elles. — Estou pois no *boudoir* de

Clotilde, d'essa mulher tão adoravel como despiedada, que ha mais de tres mezes paga só com desdens e zombarias o meu assiduo galanteio. Oh! mas não sou homem para desanimar tão depressa. Ah! Clotilde, linda Clotilde, nem sequer sabes a que te arriscaste... Sou mais forte do que pensas!... Sim, porque o que a principio era apenas capricho, tornou-se amor pelas contrariedades, pelas tuas risadinhas sarcasticas. Julgas-te invencivel?... Veremos se o és, estudei-te e conheci-te o lado vulneravel. – Morres pelo sentimentalismo exagerado, votas culto ás paixões desordenadas? Pois bem, faça-se-te a vontade. Queres comedia? Tel-a-has e completa. É por isso que entro assim em tua casa, e, palavra de honra, o que o galanteador não soube alcançar, conseguirá o comediante, que se esforçará por attingir a perfeição. (*Escutando.*)

Parou um trem... Será ella? Tão cedo? (*Vae á janella.*) É ella com effeito... Preparemos tudo para a representação, que não ha tempo a perder. (*Tira d'um embrulho, que trazia debaixo do braço e que puzera sobre a meza da esquerda, uma escada de seda e prende-a pelos ganchos á grade da sacada.*) Quanto aos pertences de scena, não falta nenhum... (*apalpando a algibeira*) o punhal... Bem, agora a postos! e nada de pressas para dar tempo a que a deixem de todo só. (*Ouvem-se trovões ao longe.*) Magnifico! A trovoadá ajuda a armar ao effeito!... o peor é se chove. (*Escutando.*) Ouço passos no corredor... é ella! (*Esconde-se na sacada, unindo primeiro as cortinas e depois puxando para si as portas de vidraça.*)

SCENA II

CLOTILDE, só (*entra pelo fundo vestida para baile e com a toilette um tanto em desalinho; traz uma capa pelos hombros, e ao entrar atira-se para cima d'uma cadeira. – Fallando para fóra.*)

Não, não é preciso, pode-se ir deitar. (*Fecha a porta.*) Ah! até que enfim posso estar só, livre do constrangimento que nos impõe a sociedade exigente e tyrannica, diante da qual temos que apparentar a indiferença, embora nos vão na alma os tormentos do inferno. (*Vendo o relógio.*) Uma hora! Sair, tendo-se vinte e dois annos, á uma hora da noite d'um baile! Mas se eu lá não podia estar!... Um baile! Ha cousa mais semsabor? E o que ha hoje que não seja semsabor, monotono, posaico e vulgar? Oh! Mas que crime commetti eu para, com uma alma como tenho, ser

obrigada a viver no meio d'este mundo de calculos mesquinhos e de prosa vil? (*Desce.*) Quem me dera ser altiva castellã que, recostada no balcão gothico, esperasse a volta do esposo que batalhava na Palestina, escutando por entre o ciciar da brisa nas ramarias, os descantes do trovador enamorado!... Mas de que servem estes devaneios? *Senta-se no sofá.*) É verdade! O que teria o Rodrigo que saiu tão sedo do baile? Cada vez me faz uma côrte mais assidua, vae apertando o cerco, e eu a fingir... Fingir? Não. É nobre, sympathico, de finas maneiras, espirituoso... mas falta-lhe o principal cá para mim... o excentrico, o exotico, o extraordinario, o romanesco! Só isto me satisfaria o ideal. (*N'isto um dos vidros da janella vòa em estilhaços e Rodrigo precipita-se na scena, sem chapeu. com os cabellos*

*desgrenhados e a capa pelos ombros.
Relampago seguido de forte trovão.)*

SCENA III

CLOTILDE e RODRIGO
CLOTILDE (*assustada*)

Meu Deus! Socorro! (*Áparte.*) Rodrigo! Não importa!... (*Corre para o cordão da campanha que ha ao pé do fogão.*)

RODRIGO (*tomando-lhe o passo*)

Perdão minha prima, ouça-me e depois faça o que entender. (*Áparte*) Sóbe o panno.

CLOTILDE

Entrar assim em minha casa é uma infamia!

RODRIGO

Oh! Não. Chame a isto loucura, desvario, mas infamia de modo nenhum.

CLOTILDE (*dando alguns passos para o fogão*)

Seja o que fôr, vou chamar os meus creados.

RODRIGO (*com indiferença*)

Pois bem, prima, chame-os, póde chamal-os...

(*Clotilde dá mais alguns passos*) notar-lhe-hei

apenas que ha n'isso um ligeiro inconveniente.

CLOTILDE (*voltando-se para elle*)

Um inconveniente!?

RODRIGO

Sim, priminha, v. ex.^a sabe muito bem que essa gente é em geral falladora... o caso divulgava-se e d'aqui a dias saberia Lisboa inteira que a viscondessa d'Aljustrel estava a sós, com o seu primo Rodrigo d'Athayde, no seu *boudoir*, á uma hora da noite. Que de commentarios se não fariam!

CLOTILDE

Tanto maior razão eu tenho para estranhar-lhe o acto que praticou, e exigir do seu cavalheirismo que saia immediatamente.

RODRIGO

Discordo, prima... «Não apoiado!» como diria um velho parlamentar.

CLOTILDE

O que! Pois não me dá razão?

RODRIGO

Está claro que não, porque se lh'a desse confessava-me implicitamente sem ella, o que de modo nenhum posso admitir.

CLOTILDE

Como! Será capaz de sustentar?...

RODRIGO

Sim, viscondessa, sustento que me assiste no que estou fazendo direito incontestavel, porque sou do numero d'aquelles que consideram bons e justos todos os meios, comtanto que os fins o sejam.

CLOTILDE (*zombando*)

Ah! Systema jesuitico, passou da moda.

RODRIGO

Podera! se a humanidade retrocede!... Mas para mostrar-lhe quanto sou escravo d'estes principios permitta v. ex.^a que lhe cite um exemplo.

CLOTILDE

Ah! Vae contar-me uma historia.

RODRIGO

Exactamente. (*áparte*) Uma verdadeira historia.

CLOTILDE

Oh! Ha de convir que nas nossas actuaes
circumstancias...

RODRIGO

Perdão, prima, é que essa historia poderá até certo
ponto explicar...

CLOTILDE (*senta-se*)

Bem, n'esse caso tem a palavra... para uma explicação.

RODRIGO (*senta-se na poltrona*)

N'um bello dia do penultimo inverno estava eu a *flaner* no Chiado, como qualquer *petit-crevé* parisiense á esquina d'um *boulevard*, quando um amigo meu, a quem chamarei o sr. X, porque não desejo compromettel-o, visto estar hoje casado e homem serio, se chegou a mim, com ares mysteriosos e me pediu, com ares mais mysteriosos ainda, uma coisa que qualquer classificaria de... espantosa.

GLOTILDE (*impaciente*)

Mas depois?

RODRIGO

Queria o sr. X, nem mais nem menos, que eu adormecesse o dragão, em quanto elle roubava o pomo do jardim das Hesperides.

GLOTILDE (*idem*)

Deixemos a mythologia.

RODRIGO

Era o caso que estava loucamente apaixonado pela cantora que fazia n'aquelle anno as delicias

da velha guarda de S. Carlos, e que, segundo elle dizia, não pagava com indiferença o culto dos seus admiradores. O peor era que a pobre *primadona* tinha um dono sobre modo intratavel, que, cioso como Othello, inutilisava todas as suas felizes tendencias. N'aquella noite fazia ella beneficio, e o sr. X tendo-lhe preparado uma ovação louca e delirante, só pedia em paga um sorriso da diva... longe de todos para que lh'o não roubassem... mas um sorriso que durasse meia hora. O papel que me destinavam era extravagante, mas prestei-me a desempenhal-o, levado pela amisade, e principalmente por saber que o tal marido era um famigerado espadachim, e que quem zombasse á sua custa arriscava-se, desconfiando elle, a receber uma boa estocada, irmã d'outras distribuidas por toda a Europa e

America... Seduzia-me o extraordinario da aventura.

CLOTILDE (*que se tem ido interessando*)

No seu caso faria o mesmo... Mas depois?

RODRIGO

N'aquella noite... Ah! perdão, esquecia-me...
(*Vae á janella e tira da sacada a escada de seda que põe n'uma cadeira*).

CLOTILDE (*levanta-se*)

Que é isso? Uma escada de seda! que significa?...

RODRIGO

Logo direi. Permitta-me v. ex.^a que primeiro acabe a minha historia.

CLOTILDE

Mas que bondade a minha! Continue. (*Sentam-se*)

RODRIGO

N'aquella noite, sou apresentado ao mata-mouros; gabo-me com arrogancia da minha pericia no jogo das armas, e tanto faço que o levo até á minha sala de esgrima, onde pouco depois cruzavamos os floretes, embolados, já se vê.

CLOTILDE

E a *prima-dona*?

RODRIGO

Começára o acto e tinha que estar sempre em scena, nada havia portanto que receiar, attenta a curta demora que teríamos. Esgrimimos cerca de dez minutos e, a despeito dos meus esforços, tinha-me o espadachim tocado duas vezes e via-me quasi obrigado a dar-me por vencido, perdendo assim tudo o que estava feito, pois teria quando muito acabado o acto, quando de repente tive uma ideia salvadora. Propuz que tirassemos os botões aos floretes, porque assim talvez a sorte mudasse.

CLOTILDE

E elle?

RODRIGO

Recusou. Perguntei-lhe se tinha medo, e isto poz termo a todas as suas hesitações. Era quasi um duello.

CLOTILDE

Quasi? Mais do que a maior parte d'elles... E então?

RODRIGO

Um quarto de hora depois, deixava eu caír o florete, com o braço atravessado pela arma do

adversario, mas o meu amigo recebera á vontade o sorriso da diva.

CLOTILDE

É maravilhoso! Quem o ouvisse julgal-o-hia Reynaldo de Montalvão ou algum cavalleiro da Tavola Redonda resuscitado para terror dos pacatos de hoje... Todavia nunca ouvi fallar n'essa aventura... verdade que estava então em Paris.

RODRIGO

E mesmo não se divulgou. O ferimento foi insignificante e eu impuz como condição ao meu protegido o mais absoluto segredo. Aborreço a vangloria.

CLOTILDE

Mas n'esse caso?...

RODRIGO

Adivinho a sua pergunta. Se lhe contei a historia foi para provar-lhe que, sejam os meios quaes forem, nunca recuo para chegar aos fins... e quem fez tanto pela causa dos amigos tudo tentará pela propria... (*Áparte.*) Já fallou na *Tavola Redonda*

CLOTILDE

Ah! É realmente extraordinario! Em todo o caso antes assim do que se se parecesse com os rapazes que por ahi ha... Felicito-o!

RODRIGO

Pois elles chamam-me doido, estouvado... que sei eu!

CLOTILDE

E elles? Insipidos, vulgares, semsaborões! Oh! uma coisa que me faz morrer de riso, são os ares de importancia que alguns tomam, occultando sob esta apparencia a absoluta falta de espirito. Encostam-se aos humbraes das salas e olham com sobranceria para as mulheres, como para entes muito abaixo das suas elevadas pessoas!... Mesmo assim são preferiveis aos que teem pretensões a galanteadores... Esses então!...

RODRIGO

Recebi, viscondessa, e agradeço.

CLOTILDE

Oh! Não me referia ao primo, já lhe disse que o vou julgando uma excepção. Queria fallar dos Lovelaces de mau gosto que teem sempre de reserva uma declaração, para nol-a atirarem na primeira contradança que lhes concedemos. Quanto a mim, tenho tambem resposta preparada. Quando algum me enfastia com os seus ternos protestos, pergunto-lhe impassivel: «Ah! Sim? E que mais?...» E raros são os que continuam. Ah! Mas agora vejo... Temos estado a conversar e ainda me não disse o motivo da sua extraordinaria visita.

RODRIGO

Da maneira por que entrei já v. ex.^a pode concluir que não é vulgar.

CLOTILDE

O que sei é que o primo me partiu um vidro da janella e a abriu. Mas como chegou até cá acima?

RODRIGO

Eis o momento de explicar-lhe... (*Apontando para a escada de seda.*) Vê v. ex.^a aquella escada de seda?... Pois estive lá em baixo á espera que não passasse nem viv'alma; então, com a certeza resultante da longa pratica, consegui engatal-a na grade da sacada, e lésto como um filho de

Neptuno trepei por ella acima. O resto sabe-o a viscondessa.

CLOTILDE (*á parte, com enthusiasmo*)

Oh! Só elle era capaz d'isto (*alto*). Receba, meu senhor, mui sinceros parabens, não lhe conhecia este seu talento. Ah! Mas qual foi a causa tão momentosa que o levou a utilizar-se d'elle?

RODRIGO (*com magoa*)

Ainda m'o pergunta, Clotilde? Ah! Julgava que tivesse percebido já quaes os anseios d'este pobre coração, que bem lhe merece alguma piedade.

CLOTILDE (*imitando-o*)

E eu julgava ter mostrado claramente que o meu está de todo isento de anseios... o que não sei é se merece, ou deixa de merecer piedade.

RODRIGO

Ah! recomeçam os sarcasmos?... Pois bem! Quer saber porque entrei aqui como um salteador, porque dei este passo tão arriscado?... É porque tomei uma resolução formal e terrível.

CLOTILDE (*com um gesto de terror fingido*)

Oh! . . . E essa resolução foi?

RODRIGO

Que havia de, esta noite mesmo, fazel-a mudar de idéas a meu respeito, senão...

CLOTILDE

Senão?...

RODRIGO

Por ora não digo mais.

CLOTILDE

Ah! O senão é terrível. (*Rindo*) Ah! ah! ah! Visto isso o primo conta obrigar-me...

RODRIGO

A conceder-me a sua adorável mãozinha e um pouquinho de amor.

CLOTILDE

Ah! Isto d'amor agora é por força?

RODRIGO

Justamente, por força!... visto que todos os meios que tenho empregado foram infructiferos.

CLOTILDE (*áparte*)

Excentrico e exotico já é com certeza. (*Alto*) Pois meu caro primo Rodrigo, aposto que d'esse modo nunca alcançará nada de mim, nem de nenhuma outra mulher.

RODRIGO

Não aposte, que perde.

CLOTILDE (*pasmada*)

Hein!

RODRIGO

Com toda a certeza.

CLOTILDE

Ora essa!

RODRIGO

É o que lhe digo. Se fizermos a experiencia, tenho por sem duvida que a viscondessa me pedirá treguas antes d'um quarto de hora.

CLOTILDE

Ah! ah! ah! Mas é magnífico... Pois bem, experimentemos e verá se não encontra em mim quem lhe prove que o bello sexo nem sempre é sexo fraco.

RODRIGO (*áparte*)

A reciproca tambem ás vezes é verdadeira. (*Alto.*)
Está então pela experiencia?

CLOTILDE (*resoluta*)

Estou.

RODRIGO

Bem. (*Depois de uma pequena pausa, como tendo uma lembrança subita*). Ó prima, sabe do que me

havia agora de recordar... Do ultimo acto do *Antony*... Conhece este drama?

CLOTILDE

Muito.

RODRIGO

Lembra-se então do ultimo acto? Passa-se tambem depois d'um baile, n'um elegante gabinete como este. Antony entra desvairado e quer a todo o transe salvar a amante, cuja vida a proxima chegada do marido ameaça; mas Adelia, entre mil receios, presa da vergonha, aguilhada pelo remorso recusa acompanhá-lo. É então que elle, perdido, louco, a arrebatá nos braços, mas

n'isto ouvem-se duas argoladas na porta e pouco depois a voz do coronel...

CLOTILDE

Mas a que vem tudo isso?

RODRIGO (*continuando*)

Ella implora-lhe que lhe dê a morte, pois só assim se salvaria da vergonha e do opprobrio, e Antony, vendo tudo perdido, crava um punhal n'aquelle seio idolatrado, cobrindo-o ao mesmo tempo de soffregos beijos! Lembra-se?

CLOTILDE

Lembro-me, mas a que vem tudo isso, já lhe perguntei!

RODRIGO

Ah! É que entre a minha situação actual e a do protagonista do drama n'aquelle instante terrível, não deixa de haver bastante similhaça.

CLOTILDE

Como?

RODRIGO (*com emphase*)

Elle, para que a honra da amante ficasse immaculada, profere a sublime phrase: «Resistia-me, assassinei-a.» Eu, perdida toda a esperanza de que este amor venha a ser correspondido, e vendo, pelo contrario, que o pago é sómente obstinada repulção, soltarei tambem a mesma phrase, com a

diferença de que na bocca de Antony era mentirosa, em quanto que na minha será nimiamente verdadeira!

CLOTILDE

Mas para quê? Parece-me que o primo não matou, nem matará ninguém.

RODRIGO

Direi: «resistia-me, assassinei-a!» quando me acharem aqui, junto do cadaver da mulher inhumana que tanto me tem desprezado. (*Áparte*). Parece-me que não vou mal?

CLOTILDE

Ah! Começo a perceber... Então o primo pretende nada menos do que... assassinar-me?

RODRIGO

A não ser que jure humanisar-se.

CLOTILDE

Era esse o terrível senão?

RODRIGO

É verdade. E note que é resolução irrevogável. . .
Ou me dá o seu amor ou morre. (*Áparte*) Nem um
tyranno de melodrama.

CLOTILDE (*áparte*)

Ao extraordinário já chegou também! *D. Juan* não
se lembraria de tal. (*Alto.*) Pois, meu caro primo,

só lhe digo que isso veremos! Olhe, em primeiro lugar encontro logo uma dificuldade. Como me ha de matar? A não ser que queira estrangular-me, o que além de ser de mau gosto está fóra da moda; creio bem que se verá seriamente embaraçado para fazer-me passar d'esta para melhor vida.

RODRIGO

Zomba? Pois saiba, viscondessa, que se engana. Entre em mim e o heroe de Dumas ha outro ponto de similhaça.

CLOTILDE

Qual? A linhagem por certo que não.

RODRIGO

Não, minha prima, pois que se assim fosse não lhe podia dar este suave tratamento, que em breve espero substituir por outro mais terno. É que, como a Antony, nunca me abandona um bello punhal de finissima tempera, companheiro fiel e extremamente precioso n'uma ocasião d'estas. (*Tira um punhal d'algibeira.*) Eil-o!

CLOTILDE (*recuando, áparte*)

Oh! Isto attinge o romanesco!... Mas estou vendo que era muito capaz... Nada, acautellemo-nos. (*Vae disfarçadamente aproximando-se do fogão.*)

RODRIGO

Então, prima?...

CLOTILDE

Deixe-me pensar um pouco. (*Chega ao fogão e procura, de costas voltadas para este, abrir a caixa do revolver.*)

RODRIGO

É terrível a alternativa: ou casar...

CLOTILDE

Ou metter freira?

RODRIGO

Ah! Não zombe. (*Melodramaticamente.*) Ou casar comigo, ou morrer. (*Áparte.*) E que tal?

CLOTILDE

Que tom tão melodramatico!

RODRIGO

É o conveniente. (*Zombeteiro.*) Quer-me parecer, por fim de tudo, que sempre sou preferivel á tal senhora, de que antigos e modernos fazem tão feia pintura, e a que vulgarmente chamamos morte.

CLOTILDE

De certo. (*Esconde atraz das costas o revolver que tem conseguido tirar da caixa.*) Quer então que lhe responda?

RODRIGO

Outra coisa não pedi ainda. (*Em tom melodramatico.*) Sim, a vida, não o tumulo. (*Áparte.*) Parece-me que a comedia acaba na igreja, como é de regra.

CLOTILDE (*apontando para elle de repente o revolver, depois de te-lo armado – rindo*)

Ah! Ah! Ah! Por esta não esperava v. ex.^a! Cuidava que eu me renderia sem disparar um tiro? Ah! Mas julgava-o mais progressista. Um punhal em 1870, que fossilismo! (*Mostrando-lhe o revolver.*) Isto sim, meu amigo. . . *ceci a tué cela!*

RODRIGO (*áparte, com enleio*)

Mas que fazer agora? (*Alto com zombaria forçada.*) É deveras previdente, priminha, ha de ser uma boa mãe de familia.

CLOTILDE

Por hora é cedo. Ah! mas não sabe?... O que fez ha pouco enthusiasinou-me tanto que vou imital-o... Vamos, escolha. (*Em tom exageradamente melodramatico.*) Ou a morte... ou um salto mortal d'aquella janella abaixo.

RODRIGO (*áparte*)

Apre! Não a julgava tão forte! Estou vendo que vim buscar lã e vou tosquiado.

CLOTILDE

Então! Não responde?... Olhe que lhe levo a palma na exigencia, não espero nem um momento. O dedo está no gatilho e posso...

RODRIGO (*áparte*)

Oh! Que sublime ideia! O amor faz milagres. (*Atira com o punhal para longe de si e ajoelha aos pés de Clotilde.*) Ah! Sim, mata-me por piedade, que me é impossível viver sem ti. Mata-me, que a vida será para mim, longe da mulher que estremeço, um caminho sem termo, um deserto sem oasis. A esperança, terna companheira que sempre nos anima, fazendo-nos entrever um futuro risôno e fagueiro, foge-me para nunca mais voltar... Não! Não! Desejo, quero a morte!

Mata-me por piedade, por Deus t'ó peço, mata-me! (*áparte.*) Queira Deus ella não me faça a vontade.

CLOTILDE (*áparte, com sentimento*)

Oh! Como o julgava mal. (*Alto, em tom que forceja tornar zombeteiro.*) Pois bem, sr. D. Rodrigo de Athayde, fazemos-lhe uma concessão: sairá como entrou, isto é, pela escada de seda... prescindimos do salto.

RODRIGO (*com emphase*)

Oh! Não, não! Dá-me a morte! Peço-t'a! Imploro-t'a! (*áparte.*) Mas que inflexões! Nem Talma, nem Kean!

CLOTILDE (*pondo o revolver sobre a meza da esquerda baixa. Rodrigo levanta-se*)

Aproveite a concessão que se não arrepende.
(*Áparte.*) Veremos depois o que se pode fazer.

RODRIGO (*que passou sorrateiramente por traz d'ella, apoderando-se do revolver*)

Ah! Ainda bem!

CLOTILDE (*recuando vivamente*)

Que descuido, meu Deus!

RODRIGO (*com grande paixão*)

Oh! Nada temas. A victima agora serei eu... eu só!
O suicidio! o suicidio foi o fim de Werther, o
prototypo dos amantes, será tambem o meu! Ah!
E quanto sou feliz! A arma que me vae dar a morte
é tua, querida da minha alma. Para ser
completamente ditoso, das tuas mãos a havia de
ter recebido, como o heroe de Goethe das de
Carlota . . . Mas não, engano-me. Enquanto que
o moço allemão faz o supremo sacrificio a sós no
seu quarto, bem longe da amada, eu suicido-me
ante os teus olhos . . . ver-me-has estorcer nas
vascas da agonia, sabendo que morro por ti! Será
teu o meu derradeiro olhar. Ah! Clotilde, Deus te
perdôe como te perdô-o... e possa remir-te o amor
que a outro homem consagrares. Ah! Deixa que
ao menos beije a fimbria do teu vestido. *(Ajoelha
e beija-lhe a orla do vestido e encosta a bocca do*

rewolver á testa.) Adeus, anjo querido, adeus para sempre! (Áparte.) O peor é se ella deixa disparar.

CLOTILDE (que a principio resistiu á commoção, mas que depois se foi enternecendo, muito agitada, agarra no rewolver e afasta-o de Rodrigo)

Oh! Não, Rodrigo, não te mates. Ah! Sim, és o unico homem que me tem inspirado amor, confesso... e juro que serei tua mulher.

RODRIGO (com sincera alegria)

Oh! meu Deus, é possível tamanha felicidade?... Mas então dissimulavas?...

CLOTILDE

Sim, mostrava-te indiferença, porque me persuadia de que não eras . . . (*cala-se interdicta*).

RODRIGO (*sorrindo*)

O teu ideal, conclue... E agora?

CLOTILDE

O meu ideal?

RODRIGO

Que eu nunca poderia attingir o romanesco, o ultra-romanesco.

CLOTILDE

Pois conheceste?...

RODRIGO

Em quanto te adorava, observava-te tambem.

CLOTILDE

Ah! Foi uma lição que ha de servir-me... E o mestre vai bem recompensado?

RODRIGO (*beijando-lhe a mão*)

Oh! Generosamente.

CLOTILDE

Agora, visto que alcançaste victoria, podes tocar em retirada.

RODRIGO (*apanhando o punhal e a escada*)
Com armas e bagagens...

CLOTILDE (*tirando-lh'os*)

Oh! lá isso não. Guardo-as, para que se algum dia eu vir o teu amor esmorecer, possa ao menos recordar com isto as tuas façanhas d'esta noite.

RODRIGO

Oh! Clotilde! Deixar eu de amar-te!... Juro-te...

CLOTILDE

Schiu, cale-se.

RODRIGO

Porque?

CLOTILDE

Porque em amor nunca se deve jurar! (*Rodrigo beija-lhe a mão como para despedir-se. Cae o panno.*)

FIM